



COLÉGIO
CEDROS
FOMENTO

Abertura Solene do Ano Letivo

Sou mais do que eu (22.09.2024)

Caros Pais, Professores e Alunos,

Começámos esta sessão ouvindo o poema “O Mostrengo”, em que Fernando Pessoa ilustra a superação dos desafios que se colocaram na gesta dos descobrimentos portugueses. Um marinheiro, identificado como o “homem do leme”, responde ao gigante Adamastor invocando ser mais do que um indivíduo e apresenta-se como um povo que quer resgatar o mar ao medo.

Estávamos no século XV: o risco das viagens marítimas era muito maior do que os riscos da conquista espacial! Custou mais chegar à Índia ou à América do que chegar à Lua! Camões fala em “mares nunca dantes navegados”, ou seja, mares cujos limites eram completamente desconhecidos para aqueles que fizeram essas viagens: João Gonçalves Zarco, Bartolomeu Perestrelo, Tristão Vaz Teixeira, Diogo de Silves, Gil Eanes, Nuno Tristão, Cadamosto, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral ou Fernão de Magalhães são apenas alguns dos chefes das expedições que mapearam um mundo! Eles descobriram que havia muito mais terras, muito mais pessoas, animais, plantas, mares, países, montanhas do que alguma vez se tinha imaginado.

Abrir o mundo era uma questão de tempo. Mas isso não tira mérito a quem deu esses primeiros passos. As motivações eram diversas, como Fernão Lopes nem anotou: uns iam para o mar por necessidade, porque a vida aqui era dura; outros por honra, para mostrar que a nova nobreza valia tanto quantas as antigas linhagens; outros iam por curiosidade, para saber como era o mundo; vários iam por dinheiro, para fazer comércio em novas terras; e havia os que iam por devoção, para levar Deus a quem não O conhecesse. As motivações dos navegadores eram diferentes, mas a missão era comum. E o desafio era igualmente grande para todos.

Olhando para o colégio, também vemos que há uma grande diversidade de motivos que nos reúnem aqui. Há muitas coisas que procuramos no Cedros, numa diversidade que não é um obstáculo à realização de uma Missão comum: a missão de educadores que ajudam os pais na educação dos seus filhos, numa perspetiva cristã.

“Sou mais do que eu” é um mote que lançamos a todos neste ano para concretizar essa Missão do Colégio, num desafio a que cada um tenha a audácia de “conhecer-se a si próprio” e tornar-se naquilo que está chamado a ser. Por mais novos que sejam os mais novos aqui presentes, todos sabemos que há em nós potencialidades para atualizar, territórios

inexplorados por falta de maturidade, por falta de tempo, por falta de um estímulo... Mas o crescimento de todos (não só dos alunos, mas também dos adultos) é como os mares do século XV e XVI para os marinheiros portugueses: é um desafio inevitável, por vezes assustador, mas normalmente gratificante porque nos vamos descobrindo tal como somos. Um bebé explora a realidade de um modo muito rude, manuseando os objetos, levando-os à boca, sem perceber, nos primeiros meses, que o pé que está a morder é parte dele próprio. E descobre, com o tempo, a complexidade do seu corpo. Assim fomos todos nós: o nosso mundo era o que estava imediatamente à nossa volta, e o crescimento mostrou-nos que ele era muito maior e muito mais interessante do que nós imaginávamos.

Infelizmente, temos razões para pensar que o nosso mundo empequeneceu. Os exames e estatísticas internacionais mostram que sabemos menos coisas do que sabíamos antes: vivemos na sociedade da informação e somos mais ignorantes; a internet coloca o mundo na nossa mão, mas esse mundo torna-se muito mais pequenino; o nosso telefone é *smart*, mas nós tornamo-nos *dumb*, fechados sobre nós mesmos, reduzindo as nossas perspetivas; no último ano descobrimos até que podemos prescindir de pensar, delegando essa tarefa numa chamada *Inteligência Artificial*.

Na semana passada, na Missa do Espírito Santo, o Pe. Jorge Oliveira referiu que há muitas coisas que se podem aprender simplesmente com o Youtube, e que para essas coisas a escola não faria falta... Mas também recorro que há coisas que não se aprendem com tutoriais! Ser "mais do que eu" pretende desafiar-nos a olhar para além daquilo que já somos e aspirar ao que podemos ser, tendo em conta três vetores: interioridade; abertura e transcendência.

"Sou mais do que eu" porque há um mundo dentro de mim muito maior do que aquilo que eu consigo fazer agora. Todos temos a experiência da frustração; de um objetivo que ficou por cumprir por defeito nosso: tinha-me proposto estudar, mas fui preguiçoso e perdi o tempo a jogar no telemóvel; tinha-me proposto ajudar em casa mas cedi à brincadeira e fiquei todo o tempo a brincar com um irmão; tinha-me proposto não voltar a responder torto, mas cedi à ira e maltratei os meus Pais; tinha-me proposto melhorar o meu comportamento nas aulas, mas cedi à pressão dos colegas para falar, ou brincar estragando o trabalho da turma. Perante as limitações, podemos pensar que não há volta a dar. Uma vez, alguém se dirigiu a S. Josemaría lamentando-se dos próprios defeitos, e dizia: "Eu sou assim: são coisas do meu carácter!" A resposta do Santo ficou registada no ponto no 4 do seu livro Caminho: "Não digas: eu sou assim, são coisas do meu carácter! São coisas da tua falta de carácter. Sê homem!" Este é um apelo de liberdade: não ser como um animal que não tem domínio da sua propria instintividade, mas como Homem livre, que pode escolher os meios mais adequados para alcançar os fins. Essas aspirações profundas que sentimos no nosso interior; esses desejos de sermos melhores são "ser mais do que o eu" presente, para se tornar num eu melhor: como está na moda dizer agora: tornarmo-nos na "melhor versão de nós mesmos". A vida tronou-se um jogo. Os teóricos da computação e da sociologia tem mesmo um nome para isto: a *gamificação*, ou seja: o ato de tronar a vida num jogo. Se vamos mais vezes ao *fast food* temos mais pontos e conseguimos mais hambúrgueres; os

supermercados acumulam pontos para descontos; há, até, hospitais que dão a quinta consulta como prémio por ter ido a quatro anteriores! Tudo o que fazemos parece necessitar de um prémio, uma recompensa o mais imediata possível, para combater o risco de ficarmos quietos a ver uma paisagem, a ler um livro, a conversar, simplesmente, com os outros. O comodismo, o consumo, todas as formas de recompensa que a *gamificação* da vida nos propõe é um deter-se no mais fácil, impedindo-nos de encontrar algo que nos leve a conhecer-nos em profundidade. “Sou mais do que eu” é, por isso, um desafio a conhecermos melhor o nosso interior, fugindo da superficialidade. Alguns objetivos do Colégio estão orientados claramente nesse sentido: o projeto Crescer Curioso, sobre o uso dos telemóveis e das tecnologias; a criação de aulas onde se aprende a realizar relatórios ou textos longos; o suscitar de momentos de debate e participação mais ativas dos alunos nas atividades do Colégio têm esta intencionalidade.

Descobrir o próprio interior é descobrir uma natureza profunda, que em parte é nossa mas que é também partilhada com os outros. O segundo vetor do “Ser mais do que eu” é, por isso, a abertura ao que me rodeia, com desejo de liberdade, como se referiu acima, para formular e seguir o projeto pessoal de vida de cada um. Vou insistir na tecnologia, porque essa janela que temos para o mundo acaba por ser apenas um espelho em que nos vemos, revemos e encerramos cada vez mais. Em abril, em Roma, enquanto esperava com um grupo de alunos para entrar num dos Museus, a conversa versou sobre a grande liberdade que cada um tinha em vestir como queria e como esse vestir de modo diferente era manifestação da sua individualidade... Discretamente, fotografei o chão, porque esse discurso da liberdade e da identidade tinha como resultado que, dos 10 ou 11 alunos que ali estavam, 6 tinham sapatilhas exatamente iguais; e 3 tinham variações apenas na cor do logo da Nike... Abertura implica, no nosso tempo, uma coragem de pensar realmente de forma diferente, de saber usar a própria cabeça para olhar para além do ecrã e perceber que a diferença dos outros é, realmente, uma coisa bonita: significa respeitar e admirar que alguém não faça os desportos convencionais; ou alguém que vista de modo realmente diferente; ou alguém que tenha decidido fazer da sua vida algo mais do que estudar para tirar um curso e ganhar dinheiro. É o mesmo Pessoa quem diz que sem o sonho o Homem não é mais do que uma “besta sadia”. E por isso é um desafio que vos fazemos, com algumas das visitas e dos eventos culturais do programa *Smart Choices*; com os convidados que vêm falar ao Colégio; ou com a apresentação de abordagens contrastantes com os novos dogmas do nosso tempo; abrir-se aos outros é, também, estimar o tempo dedicado ao voluntariado e ao serviço, nos encargos do Colégio ou nos pormenores discretos de delicadeza, deixando para os outros o melhor. Querer o bem do outro é respeitá-lo; e a verdadeira amizade demonstra-se nessa preocupação de que os nossos amigos (os mais próximos) estejam melhor do que nós.

O terceiro vetor de ser mais do que eu é o da transcendência: a disponibilidade para procurar não já o que está dentro ou ao lado, mas o que está acima de nós. Só percebemos o que é o nosso próprio bem e o que é o bem dos outros quando percebemos a sua origem, a imagem de que tudo o que existe (também nós!) é reflexo. Deus, que não é mais do que ele próprio, quis que nós pudéssemos saborear a alegria de existir. Se Deus não fosse mais do que eu, nem sequer existiria o eu. Perceber o mundo como um dom, como algo que nos é

dado por um ato de amor, implica agradecer esse dom, contribuindo para a obra criadora de Deus ao tornar este mundo um lugar mais belo. Quando evitamos sujar ou estragar; quando evitamos destruir com a crítica ou a violência, estamos o tornar Deus presente no mundo. Mas essa presença só pode decorrer de uma relação pessoal que cada um também pode procurar nos muitos momentos de formação doutrinal e religiosa que o Colégio coloca à sua disposição.

Estes vetores orientam os objetivos do Colégio para este ano, objetivos que apresentei já aos professores e que apresentarei aos Pais na Sessão Trimestral e aos Alunos nas Assembleias de cada ciclo. Para já, saúdo todos aqueles que hoje viram materializada, nos Diplomas e Medalhas, a recompensa do esforço realizado ao longo do passado ano letivo. Esta recompensa é muito diferente da *gamificação* que critiquei acima, porque ela assenta mais nas virtudes cardeais da fortaleza, da justiça, da prudência ou da temperança do que num desejo egoísta de recompensa. O produto do Colégio, os bons resultados aos diversos níveis que esperamos de todos, não são o fruto de um processo automático e formatador: no nosso modelo educativo, são o fruto de um processo pessoal, um a um, em que a liberdade de cada aluno é colocada por ele mesmo ao serviço da sua própria realização: uma realização em que a liberdade interior, a abertura aos outros e a graça de Deus permitem afugentar os mostrengos do mar da nossa vida e dizer, como o homem do leme, “sou mais do que eu!”

Um bom ano letivo para todos!

